

PRAIA DA CERÂMICA E CLUBE DE REGATAS SÃO FRANCISCO: uma história de lazer que ficou marcada na memória de antigos visitantes

*Letícia Guerra de Vasconcelos¹
Jean Carlos Vieira Santos²

Resumo: Cabe destacar que este artigo tem como objetivo introduzir uma discussão acerca da gênese do lazer e turismo no município de Quirinópolis, atividades que são resultantes de ações de sujeitos sensibilizados com tais setores econômicos em detrimento aos órgãos municipais e estadual de turismo. Apesar de ser um fenômeno mundial, as pesquisas e discussões científicas acerca do lazer e turismo nesse município de Goiás são recentes, assentadas basicamente na geografia. Para a construção deste artigo foi relevante, durante os trabalhos de campo, a obtenção dos relatos dos pesquisados, antigos moradores e frequentadores das primeiras áreas de lazer regional considerados percussos da atividade. As possibilidades de usar as belas paisagens municipais revelam conquistas desencadeadas por práticas sociais e relações com os lugares visitados. Ademais, utiliza-se o método investigativo buscando relatar como ocorreu a gênese do lazer e da atividade turística no município, além dos arranjos que permitiram aos cidadãos dessa paisagem um modo de vida com a exploração de setores econômicos diferentes do agronegócio ou agricultura e pecuária tradicional. Com isso, novas relações sociais e culturais foram proporcionadas.

Palavras-chave: Antigos Sujeitos; Lazer; Paranaíba; Gênese; Quirinópolis.

Introdução

No município de Quirinópolis, estado de Goiás, há uma diversidade considerável de espaços e lugares com vastas belezas naturais e culturais que foram responsáveis pelo desenvolvimento de práticas contemporâneas de lazer e turismo nessa paisagem. Diante disso, Almeida (2003) sublinha que o turismo é uma necessidade vital que conduz ao lazer, à diversão e ao *homo ludens*. À luz desse discurso, é possível compreender que a sacralização de áreas, lugares, paisagens e territórios pelo turismo tem na sua autenticidade os intercâmbios natural e cultural.

Sendo assim, o espaço é elemento (e um fator) constitutivo das experiências de lazer e turismo. O lugar turístico é, principalmente, espaço de alteridade do eu e

¹ Acadêmica do Curso de Geografia Campus Quirinópolis. Bolsista de Iniciação Científica PBIC/UEG.

² Professor Pesquisador do Campus de Caldas Novas. Bolsista de Incentivo ao Pesquisador (PROBIP) da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PrPUEG). Esta investigação traz parte dos resultados do Projeto de Pesquisa (2012-2017) intitulado *Paisagens Cênicas, Atrativos Culturais e Atores Sensibilizados: trinômio importante para o desenvolvimento da atividade turística*, em desenvolvimento na Universidade Estadual de Goiás (UEG – Campus Quirinópolis).

E-mail: svcjean@yahoo.com.br

do outro posto face à natureza e à cultura. Por sua vez, as ligações entre o turismo, o lazer e os lugares nos parecem particularmente importantes no tecido das práticas turísticas, culturais e naturais da sociedade contemporânea. É “[...] neste sentido que as novas cumplicidades entre turista/visitante e o lugar representam, para a sociedade contemporânea, um elo entre a tradição e a modernidade e, por isso, uma ligação em construção permanente” (CRAVIDÃO, 2014, p. 60).

Cabe destacar que este artigo tem como objetivo introduzir uma discussão acerca da gênese do lazer e turismo no município de Quirinópolis, atividades que são resultantes de ações de sujeitos sensibilizados com tais setores econômicos em detrimento aos órgãos municipais e estadual de turismo. Apesar de ser um fenômeno mundial, as pesquisas e discussões científicas acerca do lazer e turismo nesse município de Goiás são recentes, assentadas basicamente na geografia.

Tal discurso afirma, então, que as primeiras buscas pelo lazer e turismo nessa paisagem goiana não apresentavam um significado fundante de que estavam constituindo um espaço turístico, mas sim que “[...] era mais um fazer sem um compromisso maior” (MÜLLER, 2002, p. 9). É inegável que esses momentos se constituíram em passos importantes para que alguns lugares se firmassem como atrativos da população local e fossem inseridos em programas e políticas públicas locais encontrados.

Nessa perspectiva, Müller (2002, p. 12) destaca que o lazer “[...] acontece no tempo disponível das pessoas e dentro de uma experiência de acordo com a atitude adotada de forma gratuita e rica em ludicidade”. Assim, Dumazedier (1976) define o lazer como oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana, e salienta que o lazer só é compreendido pelas pessoas que o praticam e segundo uma dialética da vida cotidiana, na qual todos os elementos se ligam entre si e reagem uns sobre os outros. Para o autor, “[...] alguns estudiosos negam [...]” que seria possível estabelecer uma distinção das atividades no meio rural entre o trabalho e lazer, posto que, em certas regiões, o trabalho nunca acaba.

Em geral, o lazer em Quirinópolis era proporcionado pelos pequenos deslocamentos até as paisagens atrativas do município, como cachoeiras, rios e serras. Essas pequenas viagens esboçavam no lugar um movimento de organização familiar em busca de algumas horas de lazer e diversão, processadas em espaços sem infraestruturas, mas que possibilitavam o desenvolvimento dos momentos de entretenimento entre as diversas classes sociais rurais e urbanas do cerrado goiano.

De acordo com Dumazedier (1976, p. 34-35), esse tipo de lazer é:

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo que pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

As relações entre o lazer e as obrigações da vida cotidiana, além daquelas existentes entre as funções do lazer, determinam, de certo modo, uma participação crescente e ativa na vida social e cultural dos habitantes dos lugares. Elas são de grande importância para o modo de vida das pessoas, e muitas foram responsáveis por semear o desenvolvimento do turismo, elaborando e despertando transformações em lugares e paisagens com novas formas econômicas e de sociabilidade desconhecidas até as últimas décadas do século XX em Quirinópolis.

Nesse caso, o lazer não pode ser considerado unicamente um tempo liberado, “[...] um quadro temporal, um espaço no qual se dá o desenvolvimento do humano. Compreende-se o lazer como sendo um conjunto de atividades ambíguas, ligadas a modelos e valores” (DUMAZEDIER, 1976, p. 141) e que formam um conjunto de relações sociais e econômicas. Para esses lugares, o lazer pode representar uma alternativa socioeconômica, no âmbito da cidadania, de geração de emprego e fonte de renda.

Material e Métodos

Para a construção deste artigo foi relevante, durante os trabalhos de campo, a obtenção dos relatos dos pesquisados, antigos moradores e frequentadores das primeiras áreas de lazer regional considerados percussores da atividade. As possibilidades de usar as belas paisagens regionais revelam conquistas desencadeadas por práticas sociais e relações com os lugares visitados.

Ademais, utiliza-se o método investigativo buscando relatar como ocorreu a gênese do lazer e da atividade turística no município, além dos arranjos que permitiram aos cidadãos dessa paisagem um modo de vida com a exploração de setores econômicos diferentes do agronegócio ou agricultura e pecuária tradicional. Com isso, novas relações econômicas, sociais e culturais foram proporcionadas.

Em se tratando das políticas desenvolvidas pela prefeitura de Quirinópolis, assim como da falta de conhecimento de políticas públicas de turismo, esse

segmento sequer era prioridade nos planejamentos e orçamentos até a primeira década do século XXI, o que ocasionava dificuldades em sua valorização e estruturação no contexto municipal. As práticas iniciais de turismo (hotéis) que se faziam presentes no cotidiano de cada morador se relacionavam a opções individuais ou familiares de negócios, e não a uma forma organizada ou planejada pelos órgãos públicos ou setor privado (SANTOS, 2010).

De acordo com Santos (2013), não existiam políticas públicas locais e tampouco regionais que estimulassem e apoiassem a integração dos habitantes, seja por meio da atividade turística ou de momentos lúdicos. Tal fato levava uma parcela das pessoas desse interior de Goiás a viver no isolamento de suas habitações, deixando de produzir, naquele período, entretenimento de relações sociais que garantissem a diversão de visitantes e comunidades locais.

Todavia, outras famílias que estavam fixadas nos municípios da microrregião quirinopolina provocaram, nos finais de semana, um movimento em direção aos diversos recursos hídricos, isto é, passaram a frequentar rios, lagoas, córregos, cachoeiras e praias encontrados nessas drenagens, além de participarem de várias festas de casamento, catira, folias de reis e cerimônias religiosas. Essas pequenas mobilidades e ações foram as bases das primeiras práticas de lazer, entretenimento e turismo regional, sobretudo nas décadas anteriores a 1990, quando a população ocupava majoritariamente os espaços rurais.

Nesses termos, a busca pelos atrativos culturais (festas, fazendas) e naturais (cachoeiras, rios etc.) pode ser considerada a gênese do lazer e turismo nos cerrados do município de Quirinópolis. É possível explicar o caso das áreas naturais, sobretudo, pela necessidade de as famílias locais buscarem ambientes de descanso nos finais de semana. Ocorria, porquanto, uma interação desses membros familiares com as paisagens cênicas.

Os referidos momentos decorriam em função da carência e praticamente inexistência dos espaços de lazer nos principais núcleos urbanos regionais. As cidades eram precárias e desprovidas de infraestruturas urbanas essenciais, como transporte, esgoto, energia elétrica, água tratada, entre outras. Vale ressaltar que este artigo é também resultado de uma investigação de fontes escritas, orais e de páginas da internet. Uma ordem indispensável para a construção do trabalho se refere às fontes escritas ou à pesquisa documental (levantamento das referências) e

os depoimentos de sujeitos que vivenciaram a história da praia da Cerâmica e do Clube de Regatas São Francisco.

Resultados e Discussão

Praia da Cerâmica na ilha de Santo Antônio e o Clube de Regatas São Francisco

Entre as áreas bastante visitadas, na década de 1950, estão as praias nas ilhas do Gouveinha (Gouvelândia/GO) e de Santo Antônio no rio Paranaíba (Quirinópolis/GO) – essa última era uma paisagem de oito alqueires que se localizava na foz do rio Preto. A região da ilha de Santo Antônio era mais conhecida como “Cerâmica”, pois, no acesso da cidade até o lugar de lazer, se passava nas proximidades de uma indústria de telhas francesas cujos trabalhadores moravam no entorno.

A paisagem ficou conhecida como região da Cerâmica. Pode-se dizer que a indústria de telhas era para os visitantes e “turistas” uma referência que nomeou, naquele período, o território de lazer, pois era uma área de passagem desses visitantes. Foi destacado pelos pesquisados que os moradores dessa região não trabalhavam no lugar de visitação e, sim, nas propriedades rurais e na fábrica de telhas que abastecia o mercado regional.

O relato do antigo proprietário do lugar apresenta a origem dos visitantes que chegavam à área de lazer e também caracteriza a estrutura do atrativo:

Tinha um barzinho que eu pus só para vender refrigerante, peixe frito, cervejinha; era sem gelo, naquela época não tinha. Aqui era uma ilha grande, oito alqueires, né, e aqui dava uma praia enorme, uma areia branquinha, uma água cristalina branquinha. A faixa de areia era mais de três quilômetro [sic]. O pessoal ia uns três meses por ano que dava praia, depois enchia e já era perigoso, né? A maioria era de Quirinópolis, mas tinha de São Simão, Paranaiguara, Rio Verde e Santa Helena (Relato de pesquisa informal de campo com o antigo dono da Cerâmica e responsável pelo comércio na ilha de Santo Antônio, em Quirinópolis).

Único comércio do local, o bar possuía uma estrutura de madeira e cobertura de folhas de buriti. Para atravessar até a ilha, os visitantes levavam canoas ou faziam o percurso a pé, visto que, no período de pouca vazão do rio Paranaíba, o espelho d’água ficava baixo. É sempre lembrado pelos antigos visitantes, em seus

depoimentos, que não havia custo para entrar na área de lazer, e os preços de alimentos e bebidas não eram diferentes dos praticados na cidade de Quirinópolis.

Incontestavelmente, um dos objetivos do proprietário da Indústria de Telhas era oferecer algum serviço de atendimento aos usuários do espaço, o que constitui uma possibilidade de o empresário ficar ligado ao lugar de lazer, por entre outras razões – tencionava-se viabilizar a posse dessa parte de terra, já que ela era de propriedade da União (estado). Todas as pessoas que chegavam à Ilha de Santo Antônio convergiam para um mesmo ponto, a praia da Cerâmica, onde estava localizado o rústico núcleo comercial de atendimento.

É relevante dizer que essa paisagem não passava de uma área vazia de equipamentos e ações públicas locais que pudessem efetivar um processo de ocupação territorial sólido, com uma verdadeira infraestrutura de lazer e entretenimento que acolhesse a clientela oriunda, sobretudo, de propriedades agrícolas, olarias e núcleo urbano quirinopolino.

De acordo com os entrevistados, ficou explicitado que os visitantes frequentavam o local principalmente nos finais de semana e durante o período de pouca precipitação, nos meses de junho, julho e agosto, quando a praia ficava exposta. Para eles, a ilha da cerâmica era o local onde:

Fazia o nosso piquenique, era o nosso clube. Ia todas as famílias, fazia galinhada, farofada, assava as coisas [sic], a bebida era muito rara, né? Para fazer comida, faziam umas pedras, colocava aquelas panelona, levava as panelas, levava tudo mais pronto, [sic] né, mais ou menos pronto, só para fazer lá. Fazia arroz com pequi, galinhada, assava no espeto, era tudo rústico, mesmo, não tinha essas facilidades que hoje tem, não. Passava o dia, a gente ia cedinho, levantava de madrugada, tinha gente que ia na carroceria de caminhão, tinha Kombi, rural, naquela época carro era muito pouco, que cabia pouca gente. Então era mais Kombi, rural, caminhões, só. Ia só a família, alguns amigos assim, mas sempre uma família era responsável por levar. Sempre tinha alguém que levava, mas avulso, não, era muito raro. Era uma praia de Quirinópolis, tinham os violeiros, mas não tinha instalação elétrica no lugar (Relato de pesquisa informal de campo com antigo visitante da praia da Cerâmica na ilha de Santo Antônio, em Quirinópolis).

Na década de 1970, esses cidadãos perderam o espaço de lazer, pois o local foi afogado com a construção da Hidrelétrica de São Simão. Porém, a história do lugar de visitação ficou marcada na memória dos antigos usuários pelo cotidiano de tranquilidade e interação entre os frequentadores, formando uma paisagem de atração repleta de significados, principalmente pelas práticas de lazer e recreação ali desenvolvidas.

Constatou-se também que poucos habitantes tinham um automóvel ou caminhão para chegar até as áreas de lazer regionais, como praia da Cerâmica, cachoeiras e rios. Mesmo com dificuldades para obter meios de transporte com vistas ao deslocamento até esses lugares, independentemente de ter um veículo motorizado, bicicletas e carroças puxadas por cavalos ou burros, os lugares próximos aos locais de moradia eram sempre procurados nos finais de semana, sobretudo aqueles de fácil acesso.

Etges (2002, p. 137) cita que, nas sociedades tradicionais, as atividades de lazer se caracterizavam pela “[...] espontaneidade, confundindo com a festa comunitária, onde o investimento se reduz à locomoção”.

No município de Gouvelândia, na Olaria do Caracol, a gente ia na carroceria do caminhão do meu primo tomar banho no córrego, ia todo mundo, os familiares dos donos da olaria e peões que trabalhavam nas olarias. A gente ficava o dia todo, fazia nossa comida no fogão feito de pedra encontrado no córrego e utilizava também a água do córrego para beber e cozinhar. Normalmente, esses passeios acontecia [sic] no domingo o dia todo ou depois do almoço. Outro passeio era a pescaria nas lagoas das veredas, e todo mundo ia na carroceria do caminhão. Na volta do banho do córrego ou da pescaria, a gente passava na venda para beber refrigerante ou o que quisesse. Naquela época, os fazendeiros não importava [sic] de entrar nas fazendas para brincar nos córregos e pescar (Relato da pesquisa informal).

De maneira geral, o entrevistado mostra que as práticas de lazer e entretenimento não comercial consistiam na realização de atividades ao ar livre, e os lugares escolhidos eram para usufruto do contato com os recursos hídricos regionais. Nesse período, as atividades de lazer e turismo não eram vistas pelos moradores locais como uma oportunidade econômica, mas sim como um momento de entretenimento não comercial, especificamente. Tal fato é caracterizado, sobretudo, pelos poucos dias ou mesmo poucas horas de visita aos pontos de lazer, assim como pelo baixo número de pessoas que chegavam a esses territórios.

Apesar de as primeiras práticas de lazer não se inserirem em lugares estruturados, surgiu na década de 1960 o primeiro clube do município de Quirinópolis, porém fora do espaço urbano, nas proximidades da cachoeira do rio São Francisco. Denominado como Clube de Regatas São Francisco, possuía uma área de três alqueires com campo de futebol, quadra esportiva, bar, restaurante e duas piscinas grandes. Esse clube, no entorno da cachoeira, pode ser citado como a primeira infraestrutura de lazer criada na microrregião.

No entanto, o referido espaço se difere das outras realidades encontradas na microrregião de Quirinópolis, pois o processo de ocupação temporária ocorria, sobretudo, em paisagens onde ainda não haviam se processado mudanças estruturais; existiam, porquanto, vários atrativos em estado bruto. O Clube São Francisco existiu somente até 1965 e, certamente, o fracasso desse primeiro empreendimento de lazer organizado se deu pela falta de uma ação municipal de integração dos habitantes e frequentadores da ilha da Cerâmica a esse novo projeto de lazer e entretenimento, confirmando a ausência das políticas públicas nos lugares de lazer.

Os momentos fragmentados de diversão e entretenimento regional constituíram atividades de lazer voltadas para o bem-estar físico humano, seja ele individual ou familiar, das comunidades rurais tradicionais, dos oleiros e das cidades pequenas existentes. Essa prática não atingiu somente os espaços das atividades rurais, como também, de maneira concomitante, os espaços urbanos.

Até as décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980, houve poucas mudanças no modo de vida das pessoas, pois nenhuma propriedade rural ou comunidade local se reorganizou profissionalmente para atender os visitantes. Posteriormente, os municípios dessa paisagem começaram a incorporar a atividade por iniciativa de cidadãos locais e sem nenhum compromisso do poder público regional, que tinha suas ações e prioridades centradas na agricultura e, principalmente, na pecuária.

Considerações Finais

Atualmente, o município de Quirinópolis, localizado às margens direita do rio Paranaíba, possui um estrutura hoteleira razoável, restaurantes e bares que visam atender os visitantes. São pequenas e médias empresas, a maioria funcionando amparadas pelo trabalho e gestão familiar, mas que ainda carecem de qualificação do capital humano, pois os proprietários não têm experiência no setor de prestação de serviços turísticos.

Diante de nossas considerações, é importante destacar que uma paisagem como a praia da Cerâmica, utilizada pelos moradores locais para as práticas de entretenimento, desapareceu, na década de 1970, devido ao surgimento de um

“elemento novo”: o lago da Hidrelétrica de São Simão³. Ele afogou terras e territórios rurais e urbanos nos municípios de São Simão, Paranaiguara, Quirinópolis, Gouvelândia e Inaciolândia, no interior de Goiás; e Santa Vitória e Ipiacaçu, em Minas Gerais.

Nesse contexto, é relevante lembrar que as atividades de lazer, como os usos de ilhas fluviais e de cachoeiras no rio Paranaíba, deixaram de existir com a construção da Hidrelétrica de São Simão. Segundo os pesquisados, foi uma eliminação dolorosa para os grupos sociais que viviam às margens do Paranaíba; porém, com o surgimento do reservatório hidrelétrico apareceram outras invenções ou (re)invenções de iniciativas e políticas sociais de lazer nutridas por necessidades, hábitos, costumes e tradições.

Algumas atividades de lazer desenvolvidas pelos antigos moradores do lugar, em áreas como a Cerâmica e outras no município de Quirinópolis, foram extintas, mas dessa engenharia humana brotaram novas condições e práticas de lazer e turismo. Surgiu uma nova estrutura urbana e turística, além de um conjunto de segundas residências no entorno da represa, fazendo aparecer turistas vindos de outras regiões do interior de Goiás e Minas Gerais.

Entre os lugares com imóveis destinados a prática da segunda residência, no entorno do reservatório da Usina Hidrelétrica de São Simão, está o Lago Dourado em Quirinópolis. É um espaço urbanizado com estrutura de suporte onde funciona apenas o sistema de energia elétrica e telefonia, com vias de acesso sem asfalto e sinalização. Também se constata a ausência de saneamento básico e coleta de lixo, causando sérios problemas ambientais, dado que esse loteamento ocupa as Áreas de Preservação Permanente (APP) – tais fatos comprometem as ações públicas de turismo municipal.

Outra mudança relacionada a essa ocupação intensa do reservatório ocorre nas estradas rurais que são as principais vias de acesso às áreas de segunda residência. Evidencia-se um crescimento do fluxo de veículos e, de forma concomitante, do barulho e da poeira provocados pelos automóveis, interferindo diretamente no cotidiano dos produtores rurais, sobretudo aos sábados, domingos e

³ A Hidrelétrica de São Simão é a maior usina da Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG), com uma barragem de 127 metros e 3,5 quilômetros de comprimento. Criou-se um reservatório de 700 km², com o volume de água podendo chegar a 12,5 bilhões de metros cúbicos. Esse empreendimento começou a funcionar em 1978, mas as obras se iniciaram em 1973.

feriados. Não foram identificados, por esses exemplos citados, conflitos entre os proprietários rurais e os donos das chácaras de lazer.

Agradecimentos

Agradecemos a Universidade Estadual de Goiás (UEG), pelo recebimento da Bolsa de Iniciação a Pesquisa PBIC/UEG e Bolsa de Incentivo ao Pesquisador (PROBIP) da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PrPUEG).

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. Lugares turísticos e a falácia do intercâmbio cultural. In: ALMEIDA, M. G. de. **Paradigmas do turismo**. Goiânia: Alternativa, 2003.

CRAVIDÃO, Fernanda. Velho(s) território(s), novo(s) turismo(s). In: COSTA, Carlos; BRANDÃO, Felipa; COSTA, Rui; BREDÁ, Zélia. **Turismo nos países lusófonos: conhecimento, estratégia e territórios**. Lisboa: Escolar, 2014.

CRUZ, Rita de C. Políticas de turismo e território. São Paulo: Contexto, 2001.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ETGES, Virgínia E. O Lazer no contexto das múltiplas dimensões do desenvolvimento regional. In: MÜLLER, A.; DACOSTA, L. P. (Orgs.) **Lazer e desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002.

MÜLLER, Ademir. Lazer, Desenvolvimento regional: como pode nascer e se desenvolver uma ideia. In: MÜLLER, A.; DACOSTA, L. P. (Orgs.) **Lazer e desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002.

SANTOS, J. C. V. **Políticas de regionalização e criação de destinos turísticos entre o Lago de São Simão e a Lagoa Santa no Baixo Paranaíba Goiano**. 2010. 367 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

SANTOS, J. C. V. **Região e destino turístico: sujeitos sensibilizados na geografia dos lugares**. São Paulo: Allprint, 2013.